

TE PEGO LÁ FORA

contos de
RODRIGO CIRÍACO

CONCEPÇÃO EDITORIAL

Allan da Rosa, Silvio Diogo,
Rodrigo Ciríaco e Mateus Subverso

ILUSTRAÇÕES

Yili Rojas

FOTOGRAFIAS

Rodrigo Ciríaco e Tânia Canhadas

São Paulo, Edições Toró, Junho de 2008

VERÃO





APRENDIZ

Vagabunda não! Já lavei, Já passei pra fora. Já aJudei minha mãe a fazê coxinha, bolinho de carne, esfiha. Agora fomo conta dos fio da tia Carla. E ela me paga, num é nada de graça não. Nem passá a mão nos meus peito eu dexei de graça pra esses muleque. Num sô ofária. Tudo tem seu preço, né não? Eles até perguntaro: - E pá cumê? Me ofereceram dez real. Mas eu falei não, isso não. Isso aê só quando eu tive di maió. Na quinta série.





BIA NÃO QUER MERENDAR

Bia não quer merendar. Bia nunca comeu a merenda mas ouviu dizer que é ruim, que é sempre a mesma coisa; que não presta. Bia vê o que alguns alunos fazem com a merenda: dão duas colheradas e deixam no canto; amassam, fazem uma pasta e jogam uns nos outros. Guerrinha. Raspam o fundo do prato com a colher de plástico, dão uma lambida e pedem: - Tem mais, Tia? Bia acha engraçado. Os merendeiros. Bia diz pras amigas “eu não, eu não sou merendeira”. Ela inclusive viu esta semana uma calça. A tia falou que vai lhe dar um tênis. Já encomendou um celular para a mãe. Tem nome e marca de carro: um V8. Bia espera que o seu V8 não demore. Ela tem medo. Não pode deixar de se comunicar com as meninas. Odiaria ser rejeitada pelas amigas. Não ter um grupo. Ser apenas mais uma do povo. Já pensou, comer a merenda, como todos? O Zé-povinho? Ela não. Bia não se importa de não comer. As modelos não são todas magras? Quem dera tivesse anorexia. Dizem que é doença de rico. Tomar sorvete, comer lanches, salgados e depois vomitar. Pelo menos esta dor no estômago, esta fraqueza faria sentido. Bia não quer merendar. Ela já avisou: não tomou café, não almoçou. Não,

não é dieta. Não comeu porque não tinha. Assim como no intervalo não tinha dinheiro pra cantina. Bia não quis sair para comer a merenda, ainda que fosse às escondidas. A última coisa que Bia insistiu em dizer, antes de desmaiar de fome, foi: “Professor, eu, eu... Eu não sou merendeira.”





QUESTÃO DE POSTURA

O professor observa o menino no canto da sala, sozinho. Suando frio. Esfregando a mão dentro da calça. Estranha. Aproxima-se, com calma. O aluno de cabeça baixa, concentrado. Não percebe a chegada. Assusta. Coloca de volta, rápido. O professor, meio sem jeito, pergunta:

- O que é isso, Lucas?

O aluno não vê outra solução. Abaixa o zíper. Mostra o revólver.

- Ah! Tudo bem. Pensei que fosse outra coisa.

- Ô, que isso! Tá firando, prussô?



OUTONO





CARA-DEPAU

Mãe, olha pra cara do seu filho. Olha bem. A senhora me desculpe, mas... ele é retardado. Re-far-da-do. E o pior é que aqui na frente da senhora faz cara de santo, mas não se engane. Esse é o famoso santinho do pau oco. Pé de barro. Lá dentro da sala é que ele se mostra. O cão. Safado.

Não quer saber de nada. Só dançar, cantar, brincar. Passar a mão. E acha engraçado. Você gostaria que eu passasse a mão na sua florzinha, João? Brincasse com a mamãe de Ricardão? Hum? Olha pra mim, João. Fala. Enfão, aqui ele nem fala. Mas na sala não, num pára. E não aprende. O que eu faço? Já cheguei no ouvido, já troquei de lugar. Coloquei perto da lousa, coloquei pra fora, mas num dá. Não abre o caderno, não faz a lição. Não traz lápis, caneta, régua. Só esse sorriso. Fica a aula infeira olhando pra minha cara e sorrindo.

Outro dia eu parei do lado dele, fiquei olhando. Até falei:
- Você fá com verme, menino?

Ele não entendeu.

Eu já pedi pra direção: temos que fazer alguma coisa, dar um Jeifinho. Todo começo de ano eu aviso. Pega uma sala,

Joga só os do tipo dele e pronto. Faz a sessão de descarrego, despacho, exorcismo. Mas ninguém me ouve, ninguém me dá atenção. Agora a gente tem essa tal “política de inclusão”, sabe? Tem que misturar todo mundo. É difícil. Eu queria ver esses homens da lei dentro da sala de aula, comigo. Não há quem imponha limites pra esses menino. Queria ver na minha época você fazer o que fez. Viu, João? Queria ver o meu professor de português, que tinha uma régua desse tamanho, te catar com o cu na mão. Não ia sobrar nem um cisco. Mas agora não. É só gritar mais alto com eles que já vem conselho fufelar, Juiz, papagaio, vizinho. Eles podem tudo. Esse aí enfão, mais do que todos. Só por conta dessa síndrome, desse defeitinho.

Mas, deixando ele de lado, eu chamei a senhora porque eu preciso lhe dizer: a senhora é a grande culpada dessa história toda, Dona Conceição. Me desculpe, mas onde já se viu: frazer seu filho pra escola, esperar que a gente dê conselho, conhecimento, atenção. Como se fosse uma pessoa normal. Parece que não percebe. É preciso dar uma educação especial para esse menino.





SOCÁ PRA DENTRO

- Eutava na escola, com um escritor convidado, quarenta alunos ao meu lado e nenhuma sala. A sala reservada na semana anterior, que inclusive tinham limpadado, lavado... Passaram pra outro.

- Desorganização total?

- Pois é. Aí me botaram na antiga sala da Direção. Imagina, da Direção! Uma salinha pequena, apertada. Eu, o escritor e mais quarenta alunos ali, espremidos. Eu lá consegui enxergar que tinha um interfone ligado diretamente na secretaria da escola, e que os meninos tavam toda hora apertando, fazendo barulho?

- E aí?

- Não, você não vai acreditar. Bateram na porta, né: - Toc, toc. Eu: - Pois não? Abri um pouquinho da porta, era a secretária da escola. Falou: - Professor, com que turma o senhor está? Respondei: - Ah, estou com várias. Da quinta à oitava série. São os alunos do projeto de Literatura. Aí ela me pergunta: - Posso dar um recadinho? Toda educada. Falei: - Mas é claro. Ela entrou, fechou a porta e perguntou, em alto e bom som: - Pessoal, quem aqui tem hemorróida?

- O quê?

- Quem é que tem hemorróida?

- Não, cê tá brincando?

- Não, não tô. Na hora eu estranhei, até fiquei pensando: nossa, será que ela vai fazer divulgação igual aqueles cara que vem na escola, vender curso pra computação, vender passeio? Mas divulgação para hemorróida? Pomada?

- E aí?

- Aí que um aluno teve uma idéia genial né? “Tia, o que é hemorróida?” Rapaz, essa mulher começou a gritar: - Hemorróida é a porra dum caralho dum negócio que dá no meio do olho do cu, que dá uma coceirinha no dedo que faz vocês ficarem apertando essa merda de interfone. Dá pra parar ou eu vou fer que socá pra dentro? Bateu a porta plam! e saiu.

- Nossa, véio, eu não acredito.

- Te Juro.

- Que rampeira! E os alunos, o que fizeram?

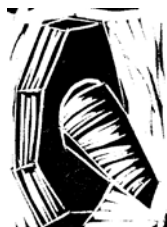
- Começaram a rir, não entenderam nada. Eu fiquei mudo, perdi a respiração, comecei a suar frio. Pedi mil desculpas pro escritor, falei que aquilo nunca tinha acontecido, e não tinha mesmo, pra ele entender.

- Nossa, que louco. Não dá pra acreditar. Já pensou se fosse um dirigente de ensino que tivesse ali dentro e ela fizesse isso? Ia dali pra roça, sem assunto. Ia rodar bonito.

- Mas foi justamente por isso. Ela sabia que era eu que estava lá, junto com um escritor. Que perigo que a gente representa? Em quem que a gente impõe respeito?

- Que barato sem noção...

- Não, e o pior foi a gozação, a molecada na escola depois. Qualquer coisinha, qualquer mancada que um aluno dava, alguém gritava: - Aí, vou socá pra dentro, hein!





PAPO RETO

Vou te explicar, só uma vez, porque apesar de parecer infeliciente você ainda é muito novo pra entender. Não tem a malícia, a experiência da vida. Aqui, as coisas não são do jeito que você quer. Tudo tem o seu ritmo, o momento certo. Você não pode chegar aqui e querer mudar tudo. Fazer a revolução, entende? Não, aqui você entra no esquema, no jogo. Ou entra no jogo ou tá fora do baralho. E te digo: carta fora fica marcada. Cê tá lascado.

Tô falando isso porque vocês, professores, criticam, mas não entendem como é difícil ficar aqui atrás dessa mesa. Açam que é fácil dirigir uma escola. Só reclamam, reclamam: ah, que não tem organização, ah, que não tem transparência nas coisas; ah, que eu nunca tô presente. Vou deixar uma coisa bem clara, já que você me questionou: a minha vida não é isso aqui. Isto é uma pequena, pequena parte dela. Eu tenho outras preocupações, entende? Por exemplo, tenho o financiamento do meu carro. Tenho a escola particular dos meus filhos, tenho o meu apartamento. Eu trabalho em três empregos, professor. Três! Veja a minha responsabilidade. Se vocês não me vêem aqui quando precisam, não é por

que eu fô vagabundeando não. Vê se alguém da secretaria bofa falta no meu livro de ponto quando não venho? Não, eles sabem que eu não sô pilantra, não fô enrolando. Tô frabalhando. Tra-ba-lhan-do. E eles colaboram comigo. Isso se chama confiança, lealdade. Reciprocidade. Faço a cobertura deles quando fazem umas cagadas por aí. Trabalho de equipe, entende? Por isso, sou bem clara. É tua escolha. Ou entra na dança ou procura outra escola. Sem vacilação. Você não pode conosco. Nós somos a maioria.

O negócio aqui é sério.



INVERNO





A PLACA

A minha aluna virou uma Placa. Há três meses ela deixou de vir à escola por isso: virou uma Placa. E não uma placa qualquer, de trânsito, que ninguém respeita. Ela virou uma Placa publicitária. Agora tem uniforme, endereço e identidade. Não fica mais à margem. Fica na porta dos shoppings, concessionárias e futuros edifícios, se auto-promovendo: A Placa. Com pernas.

A minha aluna virou uma Placa. Ela diz sentir muito orgulho da empresa em que trabalha. Construtora. Grande. Bem conceituada. Vende casas de alto padrão, para pessoas de bem, alto poder aquisitivo. Luxo. Seus condomínios têm quadra de tênis, piscinas, bancos; centro de compras particular, segurança e conforto. Diz que a tendência do futuro são os ricos não saírem mais de suas caixas, seus bunkers. Para eles tudo será Prime, Van Gogh. Personalité.

A minha aluna virou uma Placa. Aconteceu na porta da escola. Um homem parou o carro importado, abaixou o vidro e disse: - Você leva Jeito para Placa. Um cara branco, alto, malhado; peito raspado, gel e gravata. Big boss. Ele não perguntou idade, se tinha experiência ou carteira registrada. Pediu apenas para fílar o óculos, soltar o cabelo. Pronto. Bonita. Está contratada.

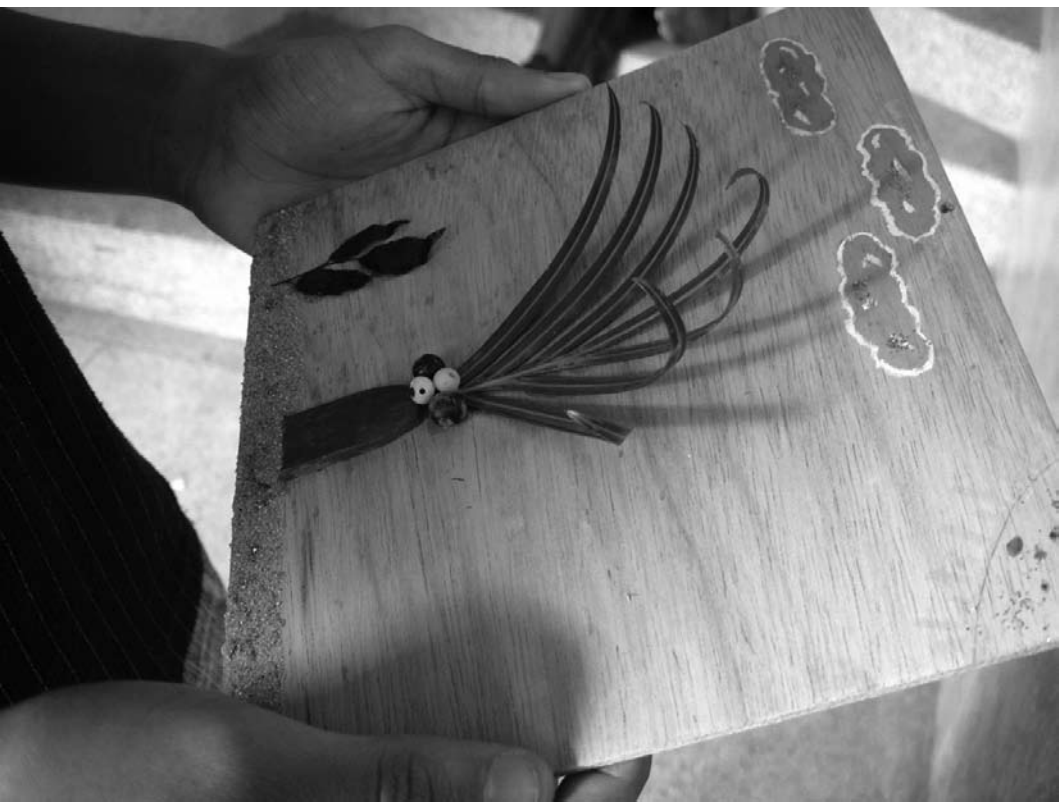
A minha aluna virou uma Placa. Ela diz que trabalha numa empresa ética, séria. Não registram, mas pagam todos os impostos. Todo final do dia ela recebe o seu salário. E vai embora pra casa. A empresa só fez uma exigência: que deixasse a escola. Questão de escolha. O trabalho é das nove da manhã às sete da noite. Segunda a domingo. E sempre há um novo bico. Senhor imobiliário em expansão. As propostas estão em expansão. Eles precisam de Placas. Ela já é uma Placa. Quem precisa de estudo?

A minha aluna virou uma Placa. Outro dia, pura sorte, eu a encontrei. Andando sozinha, pela noite, voltava do serviço. Descaracterizada. Não parecia ser a menina frágil da sexta série que até outro dia eu conheci. A menina tímida que sonhava em ser modelo, e só estudava. Falei: - E aí? Você precisa voltar pra escola. Ela respondeu, em tom de deboche: Eu não! Já tinha uma profissão. Tinha seu próprio dinheiro, ajudava a mãe em casa. Responsável, não precisava mais de conselhos, não precisava de mais ninguém. Só do big boss, o chefinho. Aquele que lhe deu valor. Deu emprego, deu presentes, prometeu castelos. O único que não lhe fez se sentir mais como uma qualquer. A transformou numa Placa.

Uma Placa-viva.



PRIMA VERA





NÓS, OS QUE FICAMOS

Alguns me perguntam: tá, o que vocês vão fazer?

Estamos descobrindo.

A única certeza é: vamos ficar.

Nós, os que ficamos, somos a única chance de salvar este lugar.

Do desespero. Da ruína. Do abandono.

Do comum.

Não culpamos quem partiu.

Foi uma opção?

Culpamos quem nos abandonou.

Por isso é preciso ficar.

Quando as coisas apertam, quando temos dificuldades, não podemos simplesmente nos mudar.

Abandonar nossa memória, nossa trajetória, nossos amigos e mudar.

Desistir.

Fazer outro caminho e desistir.

Nem sempre abrir mão é o melhor, o mais fácil.

Nem sempre o mais fácil é o melhor.

O mais correto.

Principalmente quando nos resta uma pergunta: e os que ficam?

Não podemos deixá-los.

Convites, propostas não faltam. Argumentos são duros. Muitos. Principalmente quando vêm de dentro de casa.

- É isso o que você quer pro futuro do seu filho? Abandonado por tiranos, nas mãos de carrascos? É isso que você quer de salário? Você tem medo de mudar.

Muitas horas fraquejamos.

Quase nos damos por vencidos e, está bem. Vamos mudar.

Mas aí pensamos: poxa, não é isso que queremos.

Não é isso que queremos para nossos irmãos, primos, amigos.

Não é isso que queremos para ninguém.

Por isso é preciso ficar.

Para brigar, confrontar, sangrar.

Somar, transformar.

Unir.

Para que nenhum de nós continue sendo humilhado.

Nenhum de nós desprezado, desrespeitado.

Esquecido.

Ficar.

Não queremos nos mudar do lugar onde sobrevivemos.

Queremos mudá-lo.

Torná-lo mais bonito, mais solidário.

Mais forte. Mais humano.

Nós, os que ficamos.

Somos muito importantes.

Nós, os que ficamos, somos a única chance.

De mostrar o quanto estamos vivos, pulsantes.

Até para dizer: não!

Nós não sairemos daqui.







